

VOLTAR A SI, VOLTAR À ORIGEM: VOLTAR PARA CASA E AMERICANAH

Raquel de Castro dos Santos¹

Resumo: Neste artigo, investiga-se o tema da viagem e da aprendizagem nos livros *Voltar para casa*, da norte-americana Toni Morrison, e *Americanah*, da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. O vasto cânone literário apresenta demais obras, tais como *Odisseia*, *Dom Quixote de la Mancha*, *As viagens de Guliver*, *A volta ao mundo em 80 dias*, entre outros. Por vezes, a viagem exterior liga-se à interior. Livros como *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister* representam a aprendizagem, que está presente em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. A partir dos livros estudados, verifica-se que há uma relação entre a viagem e a aprendizagem com as personagens na construção das narrativas.

Palavras-chave: Literatura. Viagens. Aprendizagem

Abstract: In this article, we investigate the theme of travel and learning in the books *Home* by North American Toni Morrison and *Americanah* by the Nigerian Chimamanda Ngozi Adichie. The vast literary canon presents other works, such as *Odyssey*, *The Ingenious Nobleman Sir Quixote of La Mancha*, *Guliver's Travels*, *Around the World in 80 Days*, among others. Sometimes the outer journey connects to the interior. Books such as *Wilhelm Meister's Apprenticeship* represent learning, which is present in *An Apprenticeship or The Book of Pleasures*. From the studied books, it is verified that there is a relation between the trip and the learning with the personages in the construction of the narratives.

Abstract: Literature. Travels. Learning

¹ Licenciada em Português-Espanhol (UFRJ), Português-Francês (UFRJ) e Inglês (UNESA). Mestre em Ciência da Literatura (UFRJ) e Doutora em Ciência da Literatura (UFRJ). Email: raquelcastrosantos12@yahoo.com

Introdução

Neste artigo, a temática da viagem e a da aprendizagem são abordadas, com base em duas obras literárias: *Voltar para casa*, da escritora norte-americana Toni Morrison, e *Americanah*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

O tema da viagem é recorrente na literatura, de modo que são muitos os textos clássicos que apresentam a viagem como motivo maior do enredo, ou, ao menos, simbolizam passagens importantes e/ou explicativas para determinado encaminhamento narrativo. O deslocamento faz parte da natureza humana de deslocar-se pelo mundo.

Outro tema extremamente relevante e presente na literatura é a aprendizagem. Muitas obras literárias apresentam a aprendizagem da personagem como caminho propício para a narrativa. A passagem de um ponto a outro é enriquecedora, pelos detalhes e pelas abrangências universalizantes, de que cada ser humano é um ser dotado de aprendizagem.

1. A viagem

O tema da viagem na literatura remonta há séculos desde os clássicos literários, como, por exemplo, o de Ulisses em *Odisséia*, a epopeia de Homero. Ulisses empreendeu uma longa viagem até retornar à sua casa. Após a guerra, a condição de rever a família, de rever seu local, levou-o a empreender uma odisséia, passando por várias peripécias, para que pudesse chegar em casa. Os perigos e os problemas tentaram afugentá-lo e até matá-lo, mas Ulisses, com engenho, conseguiu livrar-se deles, chegar a salvo e rever os seus que o aguardavam em Ítaca.

Outro pilar literário marcado pela viagem é *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes. O cavaleiro Dom Quixote, em meio

às suas quimeras, empreende uma viagem marcada pelo olhar peculiar das novelas de cavalaria. O cavaleiro da triste figura deixa para trás seus pertences, posses e pessoas e parte a fim de desbravar o mundo que se apresenta com os indícios da literatura cavaleiresca, segundo seu modo peculiar de ver o mundo. Ao retornar à casa, depois de todo um compêndio de acontecimentos e situações, aventurando-se como cavaleiro, Dom Quixote já não possui mais as motivações e motivos que o levaram a partir de casa à procura de aventuras e de uma dama.

A viagem de Leopold Bloom em *Ulisses*, o livro de James Joyce, é outro expoente da literatura que retrata a ideia de viagem no sentido existencial. A viagem simboliza o mundo exterior e/ou também o mundo interno. A viagem interna é marcada pelo movimento do pensamento e da linguagem. Leopold Bloom vive um dia tão intensamente que empreende uma longa viagem existencial, marcada pelos meandros do pensamento. A viagem do cotidiano, do dia a dia, do comum é tão essencial, mas, muitas vezes, é escamoteada do valor de poder dizer tanto sobre personagem e qualquer vida humana, e é essa que confere a Leopold Bloom a sua grandiosidade, com características heróicas convergentes e divergentes entre si.

As reminiscências formam a narrativa, como acontece em *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. Ao indicar o passado, tal como fora, não se pode acessá-lo, já que se trata mais de uma revisitação do que de uma atuação. Saber que a janela do passado está entreaberta funciona bem, porque nunca será vista a totalidade. Resta a viagem nas múltiplas perspectivas pretéritas intensificadas pelos vastos caminhos das várias possibilidades do olhar do presente. A *madelaine* poderá ser sempre saboreada, com o mesmo gosto, mas com olhar diferente. A viagem ao centro da reminiscência desperta o passado que está engatilhado no presente de maneira inaugural.

A viagem temporal pode marcar a narrativa, quando o narrador e/ou personagem volta ao passado para revelarem algo que seja considerado de extrema importância. É o caso de Riobaldo, no livro *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. O fato do pacto com o diabo ter sido feito ou não é tangenciado pelas lembranças da personagem-narradora, ao revelar na narrativa a Diadorim. A memória serve para lançar ao presente um passado que é (re)construído e possui poder para elucidar fatos e acontecimentos de um ponto encoberto ou para explicar o desenvolvimento de um momento crucial ou ordinário.

No livro *Voltar para casa*, de Toni Morrison, os irmãos Ycidra Money e Frank Money, jovens, personagens principais, partem de onde moravam em momentos diferentes da história. O livro apresenta as afeições fraternais entre os irmãos, a grande aproximação existente entre eles, mesmo quando não se encontram mais tão próximos, no momento em que cada um parte, para fazer sua própria vida, ela para viver um romance e ele para vivenciar a guerra.

As mudanças não tratam somente do nível espacial, ou seja, mudar-se de um local a outro, mas, também, do plano não palpável, o vivencial, o experienciável, o sentido, o experimentável. Sair de casa é deixar uma habitação habituada a uma rotina nos mínimos detalhes e lançar-se à imensidão do desconhecido, do mundo em aberto, do vir a ser que, nem nos melhores sonhos, apresenta um roteiro a ser seguido fielmente. Personagens vêm e vão, lugares frequentados e deixados, ações habituais e desconhecidas.

Ao partir para a Guerra da Coreia, Frank deixa a casa, onde morava com a família, para sua odisséia ser traçada. Ao longo do livro, suas reminiscências ressurgem na narrativa, como os amigos que viu morrerem no campo de batalha. Na narrativa, as lembranças tornam-se presença como no fragmento a seguir:

Coreia.

Você não consegue imaginar porque não esteve lá. Não consegue descrever a paisagem desolada porque nunca viu aquilo. Primeiro vamos falar do frio. Frio de verdade. Mais que gelar, o frio da Coreia machuca, gruda como uma espécie de cola que a gente não consegue descascar.

A batalha assusta, sim, mas é viva. Ordens, aceleração nas tripas, dar cobertura pros companheiros, matar – claro, não precisa nenhum pensamento profundo. A espera é a parte dura. Passam horas e horas enquanto você faz o que pode pra atravessar os dias frios, chatos. O pior de tudo é o turno de guarda solitário. Quantas vezes dá pra tirar a luva pra ver se os dedos estão ficando pretos ou conferir a sua arma? Seus olhos e ouvidos treinados pra ver e ouvir movimento. Esse som é dos mongóis? Eles são muito piores que os norte-coreanos. Os mongóis nunca desistem; nunca param. Quando você pensa que morreram, eles se viram e te dão um tiro na virilha. Mesmo que você esteja errado e eles estejam mais mortos que os olhos de um drogado, vale a pena desperdiçar munição pra ter certeza (MORISSON, 2016, s.p.).

As marcas da batalha acompanham-no. Os aspectos, os elementos e os acontecimentos relacionados retornam ao presente, como pontos da viagem conflitante. Ao apresentar este evento histórico, Toni Morrison revisita a história dos Estados Unidos, bem como, a história do negro no país. Vivian Nickel menciona a importância histórica dos Estados Unidos em que

Entre o fim do século XVIII e o fim do século XIX, o continente das Américas atravessou um extenso período de lutas por independência, no qual colônias e ex-colônias se esforçavam para se firmarem como instituições políticas e culturais autônomas. Primeiros a se tornar um Estado independente, os Estados Unidos se transformaram no

modelo político a ser seguido pelas demais colônias do continente americano. De acordo com Benedict Anderson, apesar da Declaração da Independência de 1776 ter sido um evento sem precedências no Novo Mundo, este evento pareceu às demais colônias algo natural, absolutamente razoável (...) (NICKEL, 2009, p. 10)

Trata-se de uma história nacional marcada por lutas para a unificação e constituição nacional, marcada pelo apagamento de índios e negros como constituintes do Estado, gerando um dualismo entre grupos aceitos e grupos que tiveram que lutar para serem aceitáveis.

Em *Voltar para casa*, o ambiente norte-americano, visitado por Frank, é dual, no qual a personagem está na esfera mais pobre e mais frágil, contrastando com o próprio sobrenome “Money”. Nas suas deambulações, precisou da ajuda de pessoas para conseguir encontrar sua irmã, nem todos quiseram ajudá-lo, mas, devido à benevolência de alguns foi conseguindo dar prosseguimento à sua viagem marcada pelo reencontro entre os irmãos e ao antigo lar, às vezes hostil, por parte da mulher do avô, e amoroso, por conta da fraternidade entre os irmãos. O elo familiar o faz procurar pela irmã e juntos voltarem para casa.

Em *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie, Ifemelu, a personagem principal, morando nos Estados Unidos, inicia a narrativa mostrando a partida provável de volta para a Nigéria. Seu projeto de voltar à terra natal acontece, rompendo o laço com o parceiro em solo americano:

Ifemelu começou a planejar e a sonhar, candidatando-se a empregos em Lagos. Não contou nada para Blaine no começo, porque queria receber sua bolsa de Princeton até o fim, e depois que a bolsa acabou, não contou nada porque queria se dar um tempo para ter certeza. Mas, conforme as semanas foram passando, entendeu que jamais teria certeza. Então, disse a ele que ia voltar para a Nigéria,

acrescentando “Preciso fazer isso” e sabendo que Blaine ia ouvir em suas palavras o som do fim (ADICHIE, 2014, p.9).

Romper laços para reviver outros laços, anteriores ou refeitos. Vontade de religar-se com os entes queridos e a terra querida. A diáspora africana, representada de certo modo pela viagem de Ifemelu à América, não possui mais a motivação de outrora e, assim, há a decisão de voltar ao país natal.

Na comunicação intitulada “O perigo de uma história única”, a autora Chimamanda Adichie fala sobre o fato de que sua consciência como africana se deu ao ir morar nos Estados Unidos, como estudante universitária. As pessoas sempre a procuravam e lhe perguntavam sobre temas referentes à África, mesmo que não fosse do domínio dela. Ela, por fim, abraça a identidade africana. Possui o conhecimento da África como pluralidade e não com o sentido restringido, quando, por exemplo, ao falar-se de um país africano, refere-se ao continente todo.

Essa viagem do polo dos representados para os representativos se dá na literatura brasileira. Domício Proença Filho, em “A trajetória do negro na literatura brasileira”, menciona o seguinte:

A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade. Evidenciam-se, na sua trajetória no discurso literário nacional, dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada. Tem-se, desse modo, literatura sobre o negro, de um lado, e literatura do negro, de outro (PROENÇA FILHO, 2004, p. 161).

De certo modo, a mudança de lugar da presença do negro, não só na literatura brasileira, aponta para a consciência de dar voz ou, melhor, de fazer-se ouvir, de um sujeito que tem compromisso com a sociedade,

ao falar sobre as questões que perpassam a sociedade. A literatura fomenta reflexão sobre o ser humano e as atividades humanas.

1.2. A aprendizagem

A aprendizagem feminina é um expoente temático presente na Literatura. Ao longo da história da cultura ocidental, as mulheres não tinham os mesmos direitos civis e culturais (religiosos, sociais, econômicos, educativos, etc.) que os homens, como o direito ao voto, e estiveram mais apartadas da produção cultural e literária. Desse modo, a representação da personagem feminina pode apresentar também a volição de quebra e ruptura narrativa e de paradigma social.

A apresentação da personagem feminina pode se transformar em um enredo à parte do enredo do próprio livro, devido à figura tão marcante construída na narrativa. É o que acontece nos livros *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, com as personagens Emma Bovary e Capitu, respectivamente. Nesses livros, as personagens quebram os paradigmas sobre o comportamento feminino na sociedade e rompem com as amarras da passividade cabíveis aos acontecimentos do mundo masculinizado. Essas personagens são representadas por escritores, porém as personagens dos livros *Voltar para casa* e *Americanah* apresentam personagens femininas criadas por escritoras.

A construção das personagens permite um outro olhar para a marca e representação feminina na literatura e nos meandros da sociedade. A traição, o adultério, é o viés evidente, o amplamente discursado, entre as personagens e seus pares. Emma traiu seus princípios ou a Charles? Capitu traiu ou não Bentinho? No entanto, é a força narrativa da presença

feminina que incide em maior grau na ruptura do lugar relegado a ela. Sherazade, em *As mil e uma noites*, tece o fio narrativo e, noite após noite, consegue manter preso à narrativa o rei da Pérsia, Shariar, que antes, a cada amanhecer, depois da esposa ter adulterado, matava a mulher que tivesse passado a noite com ele, encadeado pelo desenrolar das histórias. A tradição da narradora-protagonista se remonta a ela, articuladora das palavras e da narrativa. A grande representante da mulher fabuladora, capaz e exímia do trato narrativo. Desse modo, é aprendendo a viver tecendo a própria vida ao narrar.

No livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, Lori é a personagem símbolo da aprendizagem. Estão em pé de igualdade a aprendizagem e o prazer. Aprender a ser, ser original, deveria ser o expoente de qualquer pessoa. Não se trata de uma tarefa enfadonha, na qual se perde mais do que se ganha. É exatamente o contrário, quanto mais se encontra, menos se perde. Esta aprendizagem faz com que Lori se conheça e perca o medo do prazer. Viver é prazeroso.

Em *Voltar para casa*, a personagem Ycidra deixa a casa familiar para partir com um homem que a abandona logo depois. Ela precisa se virar da maneira que for para garantir a própria vida e passa por muitas privações e humilhações. Ao trabalhar para um médico, pensa estar em um lugar mais seguro, mas, na verdade, será o local em que atingirá a dor em grau maior, chegando a beirar a morte, quando o seu irmão, Frank, que havia viajado para encontrá-la, leva-a consigo e partem para Geórgia, para, enfim, voltar para casa.

A aprendizagem de Ycidra ocorre com a prova prática da vida, que acontece com os fatos, os acontecimentos, os silêncios, as situações e os contextos diários. O médico para quem Ci trabalhava, havia feito algum procedimento no útero dela e, provavelmente não poderia ter filho. Após o processo de cura física, por principal meio de Ethel, Ci estava

outra, melhor:

Frank riu. Essa Ci não era a menina que tremia ao menor contato com a maldade do mundo real. Nem aquela que ainda com menos de quinze anos fugiu com o primeiro rapaz que pediu. E ela não era a ajudante que acreditava que o que acontece com ela enquanto estava drogada era uma boa ideia, boa porque um jaleco branco tinha dito que era. Frank não sabia o que ocorrera durante aquelas semanas na casa de Miss Ethel, a irmã cercada por aquelas mulheres com olhos que já viram de tudo. A baixa expectativa que tinha que tinham do mundo estava sempre visível. A devoção delas a Jesus e uma à outra as direcionava e posicionava muito acima do que a vida lhes dera. Entregaram para ele uma Ci que nunca mais ia precisar da mão dele tapando seus olhos ou de seus braços para silenciar seus ossos murmurantes (MORISSON, 2016, p. 118)

Ci aprendeu a dura lição da vida, que cabe a cada um aprender, de acordo com a particularidade de cada um. Por trás do processo doloroso que a vida pode ser, pode-se apreender um ensinamento. Aquilo que pode ser vivido, guardado e aprendido. Com a ajuda de mulheres mais experientes, representantes da sabedoria, Ci consegue deixar de ser mais uma na multidão, da mão da maldade humana.

Ifemelu, em *Americanah*, pode ter aprendido que o melhor lugar é onde está a origem de cada um. Pode-se vagar por terras estranhas, mas onde se encontra o que é de cada um é o melhor lugar do mundo. Após ter um momento difícil de adaptação, mais por parte do outro, é reconhecida como uma blogueira importante, mesmo assim, decidi retornar a Lagos.

A aprendizagem de Ifemelu é exercida também na prática da vivência e da convivência. Um dos ensinamentos aprendidos pode ser apurado no seguinte trecho da postagem:

Entendendo a América para o Negro Não

Americano

Nos Estados Unidos, o tribalismo vai muito bem, obrigado. Existem quatro tipos: de classe, ideologia, região e raça. Em primeiro lugar, vamos ao de classe. É bem fácil. Ele separa os ricos dos pobres.

Em segundo lugar, o de ideologia. Liberais e conservadores. Eles não apenas discordam em questões políticas, mas cada lado acha que o outro é malévolo. O casamento com uma pessoa da outra ideologia é desencorajado e, nas raras ocasiões em que acontece, é considerado espantoso. Em terceiro lugar, o de região. Entre Norte e Sul. Os dois lados lutaram numa guerra civil e as máculas dessa guerra persistem. Finalmente, o de raça. Existe uma hierarquia de raça nos Estados Unidos. Os brancos estão sempre no topo, especificamente os brancos, de família anglo-saxã e protestante, conhecidos como *wasps*, e os negros sempre estão no nível mais baixo, enquanto o que está no meio depende da época e do lugar. (Ou, como dizem aqueles versos maravilhosos: “Se você é branco, tudo bem; se você é marrom, fique aí; se você é negro, volte para casa!”) Os americanos presumem que todos vão compreender seu tribalismo. Mas demora um pouco para entendê-lo de fato. (...) (ADICHIE, 2014, p. 201-202)

A divisão social é percebida e aponta para a fragmentação e estratificação social, difícil de ser entendida pela personagem, pois entende-se que não era percebido em seu país de origem. Ifemelu passou por dificuldades, entre as quais a de encontrar emprego no sonho americano, enfim, de encontrar seu lugar. Em Lagos, se reencontra diferente de como partiu e a cidade também parece distinta. A personagem finaliza a história com Obinze, seu primeiro grande amor.

Conclusão

Duas questões são importantes para o ser humano: a viagem e a

aprendizagem, pois simbolizam mudança, já que a viagem e aprendizagem requerem deslocamento espacial e psíquico-cognitivo. Como o que diz o fragmento sobre o rio de Heráclito: ninguém mergulha duas vezes no mesmo rio.

Os livros: *Voltar para casa*, de Toni Morrison, e *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie, referem-se, entre outros, a estes dois temas que são importantes por tornarem válidas a experiência e a reflexão humanas.

O ponto de partida pode ser depreendido pelo desenvolvimento até chegar ao ponto de chegada. Nesse ínterim, as narrativas constroem suas personagens e enredos.

A importância dos livros reside na pluralidade que permite várias observações sobre vários aspectos que as narrativas trazem, entre elas a viagem e a aprendizagem, sem procurar engessar qualquer questão, e procurando o diálogo como elemento de crítica e reflexão. A pergunta vigora: qual o meu lugar no mundo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Trad. Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MORRISON, Toni. *Voltar para casa*. Trad. José Rubens Siqueira. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NICKEL, Vivian. *Corpo e memória em Beloved*, de Toni Morrison. 2009. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/22057>

PROENÇA FILHO, Domício. “A trajetória do negro na literatura brasileira”. Revista Estudos Avançados v.18 n.50 São Paulo jan./abr. 2004, p. 2